

Documentação

Fonte: OESP

Data: 30/01/2000 Pg. 06

Class.: VC/ATA 128

Ilha Comprida conclui ponte e sonha crescer

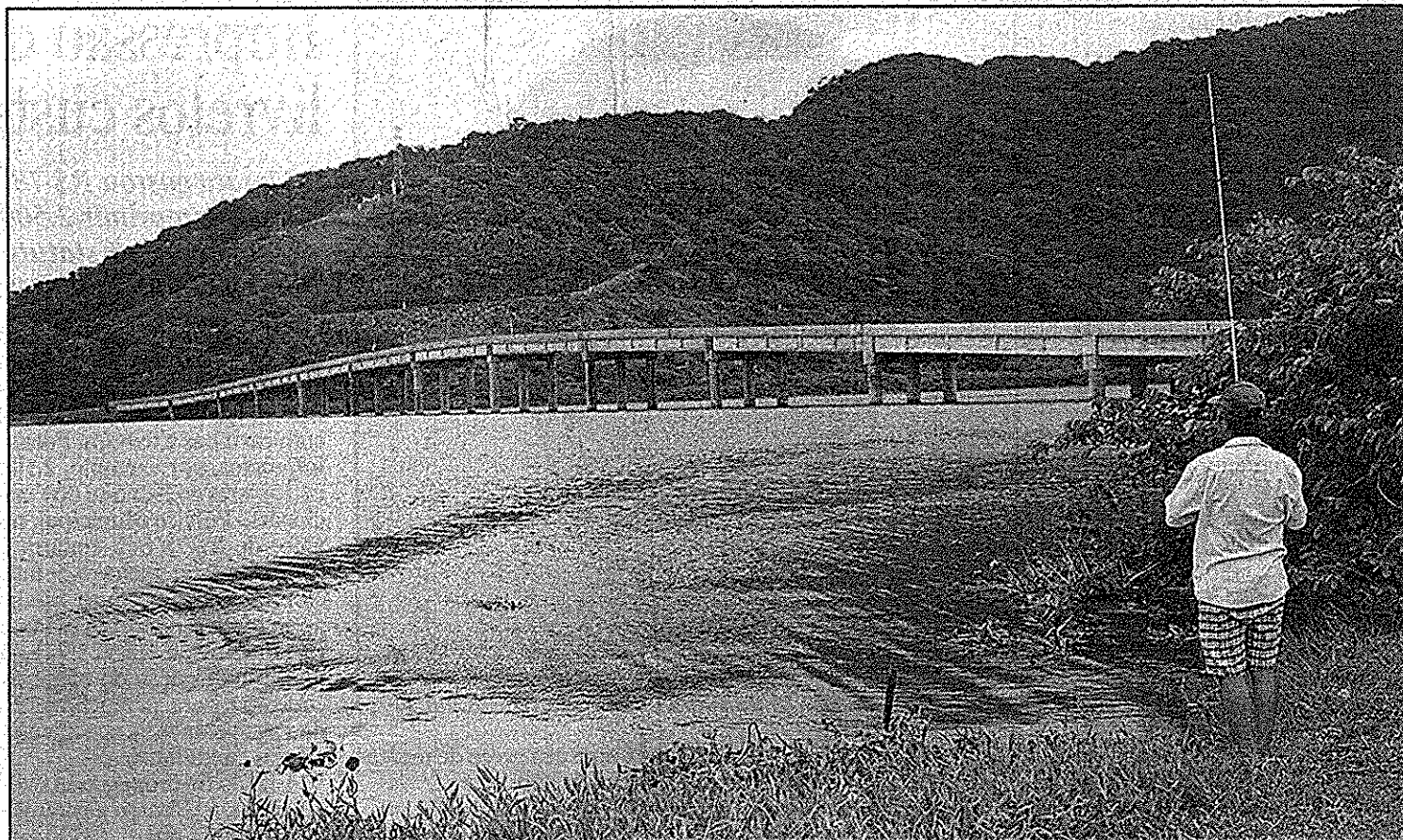
Obra iniciada nos anos 80 será inaugurada no dia 17; comércio e hotéis esperam boom

JOSÉ MARIA TOMAZELA

ILHA COMPRIDA – Um paraíso ecológico com 74 quilômetros de praias praticamente intocadas pode, agora, ser visitado com mais facilidade, principalmente pelos paulistanos. Com a abertura da ponte sobre o Mar Pequeno, ocorrida de forma experimental no último fim de semana, curtir as areias de Ilha Comprida, no litoral sul, a 200 quilômetros de São Paulo, deixou de ser programa só para quem gosta de aventuras. A ponte, com 540 metros de extensão, liga a ilha a Iguape, no continente, e elimina a necessidade de pegar a balsa para chegar ao lugar. O tempo que se perdia na balsa, até seis horas no horário de pico, espantava os turistas, segundo o prefeito Décio Ventura (PSDB).

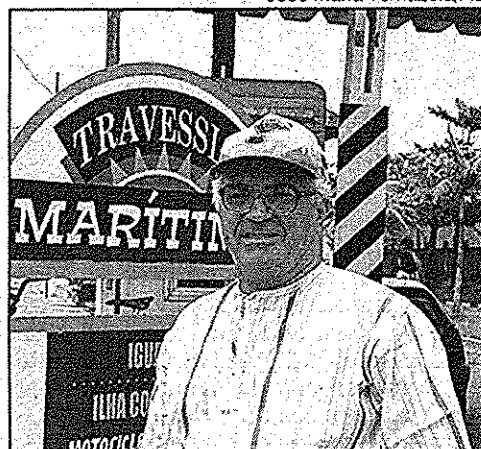
A ponte ainda não está concluída – falta a pavimentação das cabeceiras. O prefeito decidiu pela abertura em caráter precário por causa do grande fluxo de turistas no feriado prolongado de aniversário de São Paulo. “Com a saturação do litoral norte e os problemas de acesso à Baixada, nossa ilha tornou-se uma alternativa interessante.”

Pedágio – A duplicação da Rodovia Régis Bittencourt (BR-116) também criou facilidades de acesso. “Embora parte do percurso ainda se encontre em obras, o turista já viaja com mais segurança.” De São Paulo à ilha, são 146 quilômetros pela BR, mais 54 pela SP-222. Na rodovia federal, falta duplicar cerca de 30 quilôme-



Comerciante aproveita o sossego da ilha para pescar: ligação com Iguape deve trazer turistas e movimentar mercado imobiliário

José Maria Tomazela/AE



Almeida construirá no lote comprado em 81

tros correspondentes à Serra do Cafezal, em Jujutiba.

Para usar a ponte, em Iguape, é preciso pagar pedágio de R\$ 4,00 por automóvel. Parte da receita irá para a manutenção da ponte e o restante será dividido entre as duas cidades. A balsa, ainda em operação, co-

bra R\$ 3,90. Após a abertura da ponte, marcada para o dia 19, o serviço de balsas será desativado pela empresa Desenvolvimento Rodoviário S.A. (Dersa), que vai remanejar os 120 funcionários.

De sexta-feira a domingo passado, cerca de 20 mil veículos passaram pela ponte em direção à ilha. O movimento lotou hotéis e restaurantes. “Trabalhamos o tempo todo com a casa cheia, com uma clientela de qualidade”, disse a dona de restaurante Mara de Almeida.

O presidente do Iate Clube da ilha, Vanderlei José Antunes Fogaça, prevê o fim da sazonalidade que prejudica os hotéis. “Vamos ter temporada quase o ano todo.” Segundo ele, a maioria dos mil associados da entidade não mora na cidade e reclamava da balsa.

O presidente da Associação dos Proprietários de Imóveis,

Francisco Silvestro, calcula que haverá valorização de 30% a 100% nos imóveis. Quem tem lotes na ilha há anos e esperava a construção da ponte, quer regularizar a situação. “Agora vou poder construir”, diz o funcionário público Salviano Celestino de Almeida, de São Paulo. Ele comprou o lote em 1981, mas afirma que havia falta de material de construção na ilha. “Com a ponte, isso mudará.”

A obra foi iniciada na década de 80, quando Ilha Comprida ainda pertencia a Iguape. O projeto foi combatido por ambientalistas, preocupados com o risco de destruição dos frágeis sistemas ecológicos – de um lado, a ilha é banhada pela água doce do sistema es-

tuarino lagunar, que inclui a foz do Rio Ribeira de Iguape; de outro, pelo Oceano Atlântico. Os primeiros recursos foram fornecidos por empresários do setor imobiliário que projetavam loteamentos. Sobre a

venda dos lotes, eles pagavam uma taxa a título de contribuição de melhoria para edificar a ponte. A taxa foi considerada ilegal pela Justiça e a obra parou.

Em 1989, o Estado assumiu a construção, mas após dois anos houve nova paralisação. O Conselho Estadual do Meio Ambiente (Consema) exigiu a realização de Estudo e Relatório de Impacto Ambiental (Eia-Rima). O trabalho foi concluído há dois anos e possibilitou reto-

mar a construção. O comerciante José Ando, de Iguape, pescador nas horas vagas, acompanha as obras desde o início e teme perder a tranquilidade. “Está vindo muita gente de fora.”

Áreas verdes – Com 252 quilômetros quadrados, Ilha Comprida tem dois terços do seu território divididos em 270 mil lotes – em apenas 6 mil há construções. Isso significa uma oferta de 50 metros quadrados de área verde por habitante. Desde 1987, novos parcelamentos estão proibidos, mas, se todos os lotes existentes forem ocupados, a perda na qualidade de vida será inevitável. Para evitar uma corrida imobiliária, o prefeito negociou uma alteração nas leis da Área de Proteção Ambiental (APA).

“Foi criado um sistema de compensação pelo qual o cidadão, para obter alvará de construção em seu lote, terá de adquirir outro com as mesmas dimensões em área preservada.” A disposição do lixo é outra preocupação. Para isso, foi feita parceria com Iguape para depositar seus resíduos em um aterro sanitário, a ser construído no município vizinho.

Na alta temporada, Ilha Comprida recolhe 40 toneladas de lixo por dia. A cidade capta a água do Rio Ribeira. Parte dos esgotos já é tratada na estação do Boqueirão. A segunda estação de tratamento será concluída até o fim do ano.

Atrativos – Além de praias, Ilha Comprida tem outros atrativos naturais, como manguezais, as dunas do Araçá e do Juruvaúva e as grutas de Morretinhos. No Sítio Artur, antiga vila de pescadores, vivem os papagaios-de-cara-roxa. A capela da Vila Nova e as trincheiras, ruínas que sobraram do Forte Mosquera, são atrações históricas. A ilha tem 28 sítios arqueológicos conhecidos como sambaquis, com restos de conchas, ossos e materiais produzidos por habitantes pré-históricos.

LIXO IRÁ PARA ATERRO EM IGUAPE